convibra
www.convibra.org

PORQUE DEUS ME FEZ ASSIM, DONA DE MIM: um estudo sobre o empoderamento de meninas e a igualdade de gênero no ensino médio

Josélia Rita da Silva [1]
Rafael Soares Salles[2]

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo compreender como a igualdade de gênero é vivenciada no cotidiano escolar por alunas de cursos técnicos integrados ao ensino médio. Essa escolha refere-se ao fato de que vivemos em uma sociedade na qual ainda ocorrem inúmeras situações de discriminações e limitações do gênero feminino, o que acarreta perdas incontáveis para a sociedade de um modo geral. Para tanto, aplicamos a pesquisa em uma unidade escolar do Noroeste Fluminense, por meio de técnicas quantitativas e qualitativas, buscando compreender como a escola aborda e promove a igualdade de gênero em seu cotidiano. Os resultados apontam para a ocorrência de situações de distinção entre os gêneros, mas aponta para uma consciência das alunas em relação a seus direitos, espaços e competências.

1. Introdução

Nossa sociedade, marcada pelo patriarcado histórico, atribuiu papéis a homens e mulheres de formas distintas e, passou a legitimá-los como forma de manter uma ordem social excludente e autoritária, em que o gênero masculino exerce poderio sobre o feminino.

A escola, espaço de reprodução da realidade social ou de transformação desta, insere-se como um elemento que pode contribuir para a manutenção da desigualdade entre os gêneros, ou alimentar práticas e aprendizagens que contribuam para a construção de uma relação de igualdade entre meninos e meninas.

Diante do exposto, o presente artigo tem como propósito compreender como a igualdade de gênero é vivenciada no cotidiano escolar por alunas de cursos técnicos integrados ao ensino médio. Cumpre destacar que uma pesquisa com essas "meninas" pode contribuir para uma compreensão mais detalhada de processos e visões que auxiliem na elaboração de ações para o melhor ensino e fomento ao empoderamento feminino, a partir da escola.

2. Empoderamento de meninas: uma conexão com a escola no presente para um futuro mais igual

Considerando as crescentes mudanças do mundo do trabalho (visão de emprego para visão de trabalho), que requer cada vez mais uma postura proativa e capaz de criar oportunidades e formas de atuar, faz pertinente ressaltar a importância do empreendedorismo

[1] Professora de Administração – Instituto Federal Fluminense. E-mail: joselia.silva@iff.edu.br
[2] Mestrando em Sociologia Política – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. E-mail: rafael.salles@uenf.pq.br

entre jovens, sobretudo aqueles que estão se qualificando profissionalmente. Para Costa (2000) o protagonismo juvenil precisa ser estimulado, uma vez que empreendedorismo é comportamento, esse pode sim, ser ensinado e deve começar desde a escola. O jovem que tem oportunidade de se ver como capaz de empreender sua própria trajetória, ganha uma importante competência para o futuro.

O Censo Demográfico de 2010 indica que no Brasil são cerca de 30 milhões de meninas vivendo sob os mais variados contextos e situações. Considerando as grandes disparidades entre gêneros existentes em nosso país, é importante a abordagem do tema empreendedorismo com jovens mulheres como forma de estímulo para que desenvolvam uma postura proativa e empreendedora perante suas próprias vidas, visando eliminar limitações que lhes possam ser impostas por seu gênero.

Botton e Strey (2018, p. 56) definem gênero como "um marcador socialmente constituído sobre essas diferenças (sexo biológico) e que contempla as construções sociais e históricas atribuídas ao corpo da/do bebê a partir do momento da descoberta do sexo". Essas construções, em geral marcadas pelo patriarcado da sociedade, tem conduzido a uma distinção discriminatória de meninas e mulheres.

Na prática, é possível observar que desde a infância as marcações de gênero ocorrem de maneira a reforçar a desigualdade entre meninos e meninas quanto às suas possibilidades. Pesquisas mostram que a diferença entre os gêneros ocorre em espaços privados desde muito cedo, responsabilizando meninas por atividades das quais os meninos são isentos, levando a uma sobrecarga das meninas que se arrasta para a vida adulta (BOTTON; STREY, 2018).

Diante do exposto, ações de promoção da igualdade entre homens e mulheres tornam-se fundamentais. De acordo com o UNICEF, igualdade de gênero significa garantir que meninos e meninas; e homens e mulheres, possam desfrutar dos mesmos direitos, proteção e oportunidades em uma sociedade (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016).

Em pesquisa realizada por Santos, Silva e Barbieri em 2014 (*Apud* Botton; Strey, 2018), 65% das meninas disseram ter a tarefa de limpar a casa, ao passo que os meninos apenas 11% eram incumbidos essa tarefa e, quanto a arrumar a própria cama, era responsabilidade de 81% das meninas, mas de apenas 11% dos meninos. "Assim, nesse cenário brasileiro, ser do sexo feminino significa conviver diariamente com essas e muitas outras cobranças desiguais e

ensinamentos baseados em diferenças de gênero que constroem e reforçam um mundo binário" (BOTTON; STREY, p. 58).

Ainda pesa sobre as meninas os padrões de beleza impostos pela mídia e aceitos pela sociedade. A busca da beleza excessiva que corresponda a um padrão definido, constitui-se uma forte pressão psicológica e carga emocional que recai sobre as meninas muito cedo (BUENO; AZEVEDO, 2019).

Não diferente, a escola também pode se constituir um espaço de reforço dessas desigualdades baseadas no gênero por meio da reprodução dos padrões socioculturais de relações de submissão-dominação entre meninos e meninas (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016).

Essas marcações ocasionadas por relações de desigualdade podem gerar condições desfavoráveis e ainda elevar a vulnerabilidade das meninas, que as acompanhe por toda vida. Por isso, é cada vez mais importante e necessário discutir a questão da igualdade de gênero a partir da infância e adolescência (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016). Desse modo, e compreendendo que a pedagogia se insere em todos os lugares de produção do conhecimento, é preciso pensar em ações educativas que possibilitem amenizar a polarização entre meninos e meninas ao mesmo tempo que promovam a reflexão e o ressignificar das relações de gênero (ROSSI, 2006; XAVIER-FILHA, 2009).

> Se, por um lado, a universalidade dos direitos busca garantir a igualdade para todas as crianças e adolescentes, por outro lado não contempla situações específicas que precisam de um ordenamento também diferenciado. Gênero não figura nas normativas universais e algumas vezes aparece de forma periférica em normativas temáticas. Mas, mesmo quando aparece, está mais relacionado aos dados sobre alguma violência e não como conceito e prática para a busca pela igualdade de gênero e pelo empoderamento das meninas. Nem mesmo em temas como protagonismo de crianças e adolescentes as questões de gênero ganham relevância (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016, p. 29)

Diante desse contexto, ações de empoderamento de meninas na escola são importantes para permitir a igualdade de condições e ainda formar uma mulher mais consciente de seu espaço e direitos. Vale destacar que empoderar é mais que "dar poder às mulheres" como afirmam Botton e Strey (2018). Trata-se de desenvolver estratégias em nível individual e coletivo capazes de reverter a situação de submissão das mulheres, que historicamente mostrou-se difícil de ser combatida.

> Podem-se citar, como exemplo, ações que deem estrutura à mulher e garantam a liberdade para o fim de um relacionamento abusivo, ou a promoção de

> práticas e políticas sociais para prevenir e tentar extinguir as diferentes formas de violência de gênero (BOTTON; STREY, 2018, p. 59).

Essa ideia é reforçada pelos apontamentos de Santos, Mora e Debique (2016), para os quais o estudo de comportamentos empreendedores entre jovens constitui-se uma forma de construir o empoderamento feminino e deve ser assumido como ação contínua da escola, de modo a possibilitar a uma geração de meninas que cresçam mais empoderadas e empreendedoras, livres de amarras impostas equivocadamente pelo gênero.

Segundo os mesmos autores, embora imprescindíveis, as políticas de igualdade de gênero e empoderamento feminino no Brasil, ainda se mostram enfraquecidas e escassas (SANTOS, MORA e DEBIQUE, 2016).

> A concepção das políticas é centrada numa visão universalizante, o que não resgata as especificidades de ser menina da opacidade generalizante da condição de criança e adolescente. Isso pode ser observado na ausência de diretrizes, normas técnicas e outros instrumentos de orientação e gestão das políticas (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016, p. 37).

Essa ausência de políticas para a igualdade na escola é reforçada pela atuação de grupos de cunho religioso que, por desconhecimento da pauta atuam para retirar da esfera da escola as discussões sobre gênero, a exemplo do que ocorreu na aprovação do Plano Nacional de Educação, cuja palavra gênero e as ações e estratégias a ela relacionadas foram excluídas do documento em sua versão final.

Apesar dessa ausência, em todo o país é possível encontrar iniciativas de escolas e docentes que, reconhecendo essa necessidade tem promovido o despertar e empoderamento de meninas. Essas ações firmam-se em várias frentes sempre envolvendo a apresentação de mulheres fortes e inspiradoras de modo a encorajar outras meninas.

Reconhecendo essa necessidade o UNICEF aprovou o seu Plano de Ação de Gênero (em inglês *Gender Action Plan* – GAP 2014 -2017) uma agenda de atuação global, nacional e regional para a promoção da igualdade de gênero. O mencionado plano prevê como ações prioritárias para a questão de gênero:

- ✓ Promoção da saúde do/da adolescente com enfoque em gênero;
- ✓ Avanços no ensino secundário de meninas;
- ✓ Redução da violência baseada em gênero;
- ✓ Eliminação do casamento infantil (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016, p. 43).

De acordo com Botton e Strey (2018) ações de empoderamento devem iniciar o quanto mais cedo, permitindo às meninas uma educação que seja capaz de emancipá-las em meio a uma sociedade patriarcal, o que reforça

> "a relevância de que os programas de empoderamento de meninas e mulheres e de promoção de igualdade de gênero sejam realizados para/com crianças, e não apenas com os sujeitos na idade adulta, sendo urgentes o planejamento e a prática de ações que dinamizem a circulação de discursos não sexistas e de empoderamento de meninas e mulheres junto ao público infantil" (BOTTON; STREY, 2018, p. 54).

No Brasil as ações de empoderamento de meninas têm ocorrido tanto pela aproximação do movimento feminista de meninas e adolescentes, quanto pela ação de organizações de atenção à infância estarem se aproximando da temática de gênero e igualdade (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016). Em geral, as temáticas abordadas por aqui têm abrangido o empoderamento e a formação de lideranças femininas; bem como a violência de gênero, relações abusivas e enfrentamento ao machismo, situações vividas desde muito cedo por nossas meninas adolescentes (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016). O desenvolvimento de tais programas deve ser baseado na construção da igualdade pelo diálogo, evitando a qualquer tempo polarizar ainda mais a questão de gênero ensejadora de rivalidade entre meninos e meninas. Faz-se necessário pensar que igualdade não pressupõe soberania de nenhum gênero sobre outro, mas antes uma relação construída a partir do diálogo, do respeito e do reconhecimento de espaços e direitos.

> A finalidade dessas práticas é ampliar a liberdade das mulheres para que possam escolher e agir para modificar a situação de submissão que vivem em relação à dominação masculina, destituindo o poder patriarcal ainda presente na atualidade e fortalecendo sua condição de autonomia e independência em relação aos homens. As mulheres devem estar cientes e seguras para o exercício da cidadania e de seus direitos, podendo exercer seus talentos, experiências e habilidades em todas as suas práticas e contextos em que circulam (BOTTON; STREY, 2018, p. 59).

Dentre as questões necessárias de se abordar na escola, encontra-se a formação das adolescentes para o mercado de trabalho e a construção de uma carreira. Diante deste escopo, considerando que a sociedade ainda concebe as tarefas domésticas e o cuidado com os filhos atributos exclusivo das mulheres, torna-se ainda mais urgente reforçar a capacidade de desenvolvimento profissional das meninas desde sua adolescência (MACHADO; STCYR; MIONE; ALVES, 2003). Numa cultura em que as meninas são educadas para o casamento, ou, em outras palavras têm apontada como perspectiva única de vida, em muitos casos, apenas o

casamento, é fundamental aliar o empoderamento ao desenvolvimento e emancipação econômica da mulher.

O UNICEF propõe como importante ação para os programas de empoderamento o despertar para o empreendedorismo feminino, desde a adolescência. Para a entidade, conscientizar, inspirar e educar as meninas para que se descubram como capazes de serem empreendedoras de suas próprias trajetórias profissionais é fundamental para se prover a igualdade de gênero, sobretudo nesses novos arranjos econômicos da sociedade, baseados na substituição do emprego pelo trabalho, em muitos casos levando ao empreendedorismo tanto por oportunidade quanto por necessidade (SANTOS; MORA; DEBIQUE, 2016).

Nesse cenário, estreitar a relação entre empoderamento de adolescentes e educação empreendedora torna-se profícuo como ação de fortalecimento da autoimagem e autoestima; e também, fonte de capacitação para o empreender futuro.

3. Metodologia

Para a consecução de seus objetivos, essa pesquisa adotou uma abordagem mista com emprego de técnicas qualitativas e quantitativas, pois entendeu-se que esta conjugação permitiria uma compreensão mais detalhada dos significados e características estudados, a partir do propósito delineado. Para sua realização foi escolhida uma unidade de ensino da rede pública localizada no Norte Fluminense, que atualmente (2021) conta com 76 docentes; 49 servidores; e 1.173 alunos ao todo, sendo 604 matriculados no ensino médio. Na escola em questão esta etapa da educação é oferecida de forma integrada a cursos técnicos de Administração, Eletrotécnica, Informática e Química. O Quadro 1, a seguir, apresenta a distribuição destes alunos segundo o curso técnico e sexo.

Curso	Feminino	Masculino	Total
Técnico em Administração	104	37	141
Técnico em Eletrotécnica	45	133	178
Técnico em Informática	64	123	187
Técnico em Química	56	42	98
TOTAL:	269	335	604

Quadro 1: Distribuição dos estudantes por curso e gênero.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es) 2021.

Foram convidadas a participar da pesquisa todas as alunas dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio independentemente da idade e série. A escolha por tais alunas

justifica-se por estas estarem recebendo além do ensino básico uma formação técnico-profissional, o que presume que muitas ingressarão em seguida no mercado de trabalho.

A pesquisa foi realizada em etapas, a saber:

1. Primeiramente foi definida a base teórica e conceitual a ser adotada na pesquisa, que serviu como subsídio à capacitação dos bolsistas e elaboração de instrumentos de coleta de dados;
2. Na sequência, foi realizado um levantamento nos documentos pedagógicos da unidade escolar, sobretudo: Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), projetos de cursos, proposta pedagógica, e outros, visando verificar a existência de estratégias e ações de estímulo ao empreendedorismo e empoderamento feminino. Também, foram consultados os coordenadores dos cursos técnicos integrados ao ensino médio em busca de material e coleta de informações que auxiliassem na identificação de práticas educacionais não previstas nos documentos produzidos pela escola, que contemplassem o tema pesquisado;
3. Em seguida foi aplicado um questionário a alunas de Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio. O mencionado questionário foi disponibilizado por meio de *link* do *Google Forms*, enviado a endereços de *e-mails* e grupos de *WhatsApp* nos quais as alunas dos cursos eram participantes. O questionário ficou disponível para respostas no período de novembro de 2020 a fevereiro de 2021, obtendo retorno de 99 alunas, do total de 270 matriculadas em cursos técnicos na escola em que se desenvolveu a pesquisa.
4. Foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo pelo emprego da técnica de grupo focal, com alunas de Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio, convidadas a participar por adesão. Foi divulgada a ação para que as jovens buscassem a participação livremente, o que já evidenciaria uma característica de protagonismo juvenil. O grupo discutiu o empoderamento feminino e a igualdade de gênero, a partir de um roteiro semiestruturado de questões. Contou com a participação de nove estudantes oriundas dos quatro cursos técnicos oferecidos pela escola. O debate ocorreu por videoconferência realizada com uso do *Google Meet*. Foi mantido o anonimato das participantes, sendo elas identificadas por códigos (números de 1 a 9) criados pelas pesquisadoras.

Cumpre destacar que a pesquisa foi realizada em meio ao período de restrições impostas pela Pandemia de SARS-COVID 19, no qual o distanciamento social necessário, levou à adaptação das técnicas de pesquisa e coleta de dados, que foram realizadas de maneira remota,

com o apoio de tecnologias digitais, de modo à preservação das condições de saúde de pesquisadores e participantes do projeto.

4. Resultados

4.1 Análise dos documentos escolares

Os documentos escolares analisados foram os seguintes:

1. Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI;
2. Projetos Pedagógicos dos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio de Administração, Eletrotécnica, Informática e Química - (PPCs).

A questão da igualdade de gênero, pressuposto para o empoderamento feminino, encontra-se expresso no PDI como meta da educação a ser trabalhado na tríade ensino, pesquisa e extensão.

No âmbito dos quatro cursos, a disciplina Sociologia, aborda a questão partindo da discussão geral da sociedade para o contexto de vida dos estudantes. No Técnico em Administração, há conteúdo profissionalizante abordando da igualdade dentro das organizações.

Em todos os casos, nota-se que o tema da igualdade está contemplado, porém de maneira geral, sem entrelaço com a vida dos estudantes e, sobretudo, das do gênero feminino. Ou seja, não há previsão de abordagem mais específica que estimule o envolvimento dos estudantes com a temática, questionando e repensando suas próprias atitudes, que contribuem para a desigualdade das relações de gênero.

No que tange ao empoderamento feminino, especificamente, o tema é tratado a partir de conteúdos existentes nas disciplinas Filosofia, Sociologia e História, sendo contemplado, de maneira implícita, no estudo dos Direitos Humanos, em que os direitos baseados no gênero constituem objetivos de aprendizagem e diretrizes de ensino das disciplinas.

Destaca-se, partir da pesquisa documental, que a abordagem das questões da igualdade de gênero e empoderamento das meninas, muito embora estejam previstas no PDI e nos PPCs, na prática, são contempladas a critério dos docentes, havendo risco de não se concretizarem. Desse modo, observa-se a importância de que a temática da igualdade de gênero esteja claramente detalhada nos documentos que direcionam o trabalho na escola.

4.2 Resultados quantitativos

Os resultados a seguir são frutos de *survey* aplicado a alunas de Cursos Técnicos do IFF Campus Itaperuna. A distribuição das respondentes por cursos, encontra-se na Figura 1.

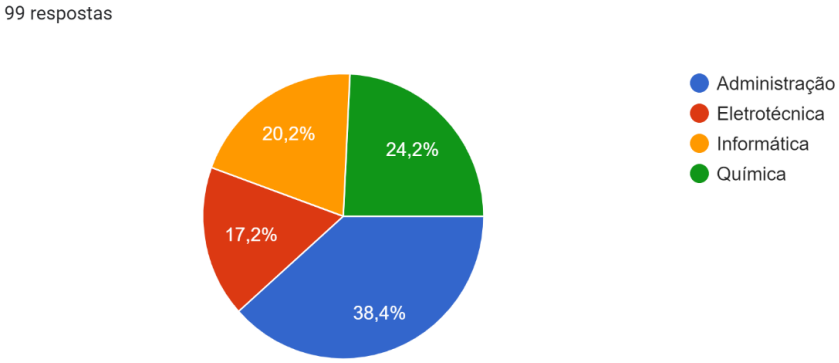

Figura 1: Distribuição das alunas por curso.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es), 2021.

Quando perguntadas acerca do conhecimento que possuem sobre seus direitos bem como seu espaço na sociedade, as adolescentes declaram-se bem emancipadas, e mais de 89% delas afirmam reconhecer seu espaço no campo social, enquanto mulheres detentoras de direitos, conforme pode ser observado na Figura 2.

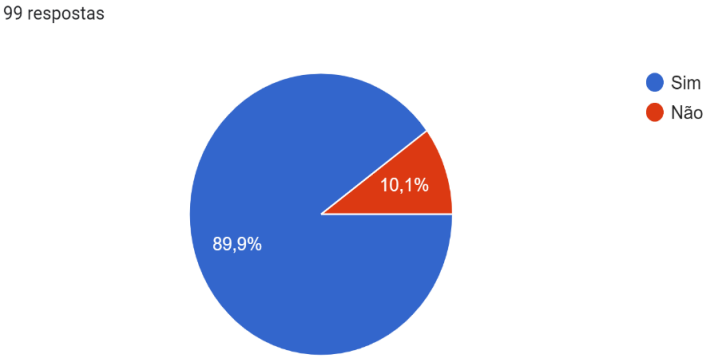

Figura 2: Reconhecimento de direitos e espaço na sociedade.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es), 2021.

Observa-se, porém, que apesar de declararem reconhecer seus direitos e espaços, uma maioria expressiva de alunas também aponta já ter sofrido algum tipo de discriminação em decorrência do gênero, conforme apontado na Figura 3. Esse grande número de respondentes que já foram discriminadas, chama atenção para um problema social, qual seja, não basta reconhecer seus direitos e lugar na sociedade, uma vez que o meio social submete as meninas

a situações discriminatórias por seu gênero. Portanto, embora seja importante reconhecer seus espaços, isso não basta para a construção da igualdade de gênero.

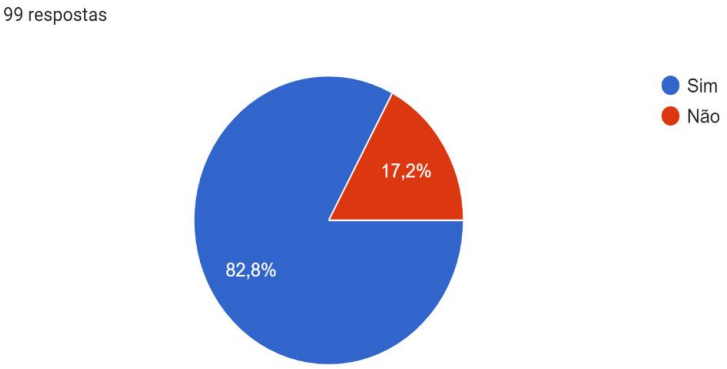

Figura 3: Vivência de situações de discriminação por gênero.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es), 2021.

Avaliando os espaços de relações sociais que mais submetem as adolescentes a discriminação por gênero, nota-se que a família (79,5%), a escola (65,1%) e a igreja (32,5%) são apontadas como os principais locais de marginalização, conforme demonstra a Figura 4. Por tratar-se de espaços cujo convívio das estudantes é frequente, é possível inferir que tais discriminações não são esporádicas, mas sim frequentes. Impressiona ser a família e a escola, conforme estabelecido pela nossa Constituição Federal de 1988, os responsáveis pela formação e educação do ser em desenvolvimento; e os números revelarem que estas entidades não estão apenas deixando de cumprir seus papeis de promover uma educação emancipadora das meninas, mas também as submetem a situações discriminatórias por seu gênero. Isso reforça a necessidade de aprimoramento das instituições para além de aspectos legais, mas que incluam a vivência cotidiana nos espaços sociais.

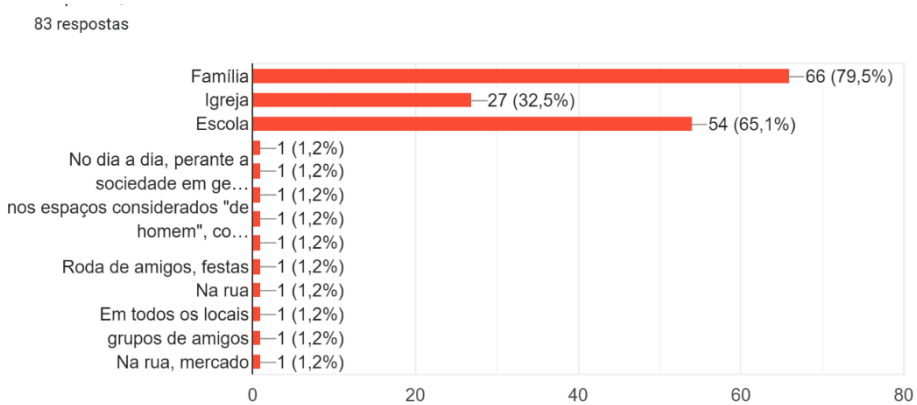

Figura 4: Vivência de situações de discriminação por gênero.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es), 2021.

Quanto às situações de promoção da igualdade de gênero nos Cursos Técnicos dos quais são alunas, a maioria das entrevistadas apontam não saberem responder; e a diferença entre as que responderam que o curso promove ou não promove ações relacionadas à igualdade de gênero é muito pequena (29,3% e 22,2%, respectivamente), conforme apresentado na Figura 5.

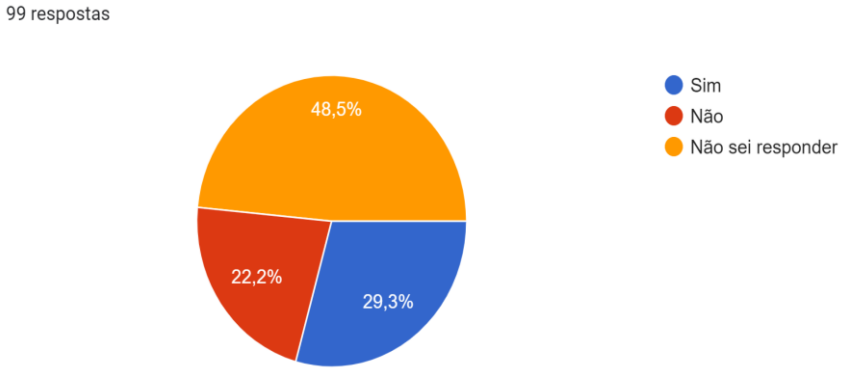

Figura 5: Ações de promoção da igualdade de gênero, no âmbito dos cursos técnicos.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es), 2021.

Nota-se que para as alunas essas ações não são muito claras, portanto, há carência de maior atenção quanto à divulgação e elucidação dos mecanismos de promoção da igualdade.

Entre os Cursos Técnicos avaliados, Administração e Informática são os que apresentam melhores resultados quanto à promoção de ações que visem à igualdade de gênero, enquanto Química e Eletrotécnica são menos os que menos realizam, segundo as alunas. Cumpre destacar que o Curso de Eletrotécnica é o que apresenta maior apontamento quanto à inexistência de ações que visem promover a igualdade de gênero, conforme sinalizado por 95% das alunas participantes da pesquisa pertencentes ao referido curso.

Quando a avaliação se refere à escola como um todo, os resultados são diferentes dos obtidos nas respostas que consideram apenas os Cursos Técnico. O número de alunas que alega desconhecimento de ações de inserção igualitária com base no gênero é próximo das que afirmam que existe mecanismos de promoção da igualdade, conforme Figura 6. Esses dados apontam para o fato de que a escola é vista por uma boa parte das estudantes como promotora de ações que visem a igualdade, destoando da percepção acerca das ações propostas em cada curso técnico. O que sugere que esses mecanismos estão situados mais em âmbito geral do que em práticas particulares de cada curso.

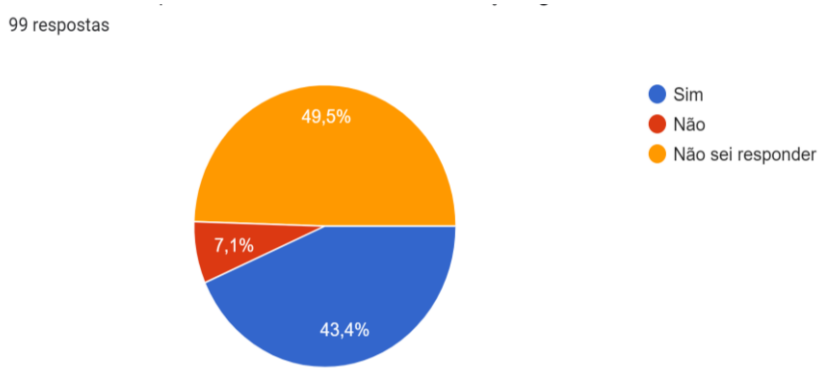

Figura 6: Emprego de mecanismos de inserção igualitária das alunas, no âmbito da escola.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es), 2021.

Pode-se inferir ainda que apesar de boa parte das alunas desconhecerem a adoção de mecanismos de inserção igualitária por gênero no âmbito dos Cursos Técnicos, uma expressiva maioria nunca sofreu discriminação por gênero na escola, conforme demonstra a Figura 7. Todavia, cumpre salientar que o índice de 23% das estudantes que afirmam terem sido discriminadas por serem mulheres, requer adoção de cuidado e medidas de mitigação, uma vez que seus efeitos, conforme demonstra a literatura pode ser muito pernicioso à vida acadêmica e até mesmo à saúde psicológica das alunas.

Quando analisados os resultados por curso, destaca-se que os maiores índices de discriminação por gênero apontado pelas alunas ocorreram nos cursos de Eletrotécnica e Informática. Talvez por serem profissões historicamente dominadas por homens, essas áreas de formação ainda carreguem mais estigmas que submetem as alunas a situações constrangedoras em função do gênero. Salienta-se, contudo, que estigmas sociais precisam ser questionados e modificados nas práticas escolares, visto que só assim a igualdade de gênero e de oportunidades será alcançada desde a adolescência.

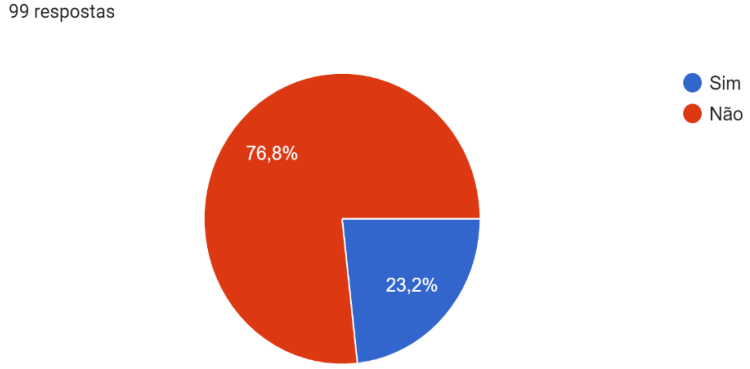

Figura 7: Discriminação e vivências de situações constrangedoras por gênero.
Fonte: Elaborado pelas autoras(es), 2021.

4.3 Análise da pesquisa qualitativa com grupo focal

A partir da realização da entrevista com grupo focal, é apresentada a análise que se segue com base nas falas das estudantes, que foram classificadas por número, de modo a manter sua identidade em sigilo. A abordagem foi realizada por meio de questões que visavam compreender como as alunas se relacionam com o seu gênero; bem como o reconhecimento de papéis sociais, direitos e espaços da presença feminina.

Os fragmentos das falas das Alunas 2, 3 e 5, respectivamente, demonstram reconhecimento da igualdade entre os gêneros no âmbito pessoal, identificando que as mulheres possuem as mesmas capacidades que os homens, todavia, apontam que no âmbito social existe uma diferenciação entre a forma como homens e mulheres são vistos, sendo requerido da mulher um esforço contínuo e maior para provar sua capacidade.

Aluna 2*: Eu acredito sim que o papel da mulher na sociedade seja o mesmo que o homem, que tudo que uma mulher possa fazer, um homem também possa fazer, correto, mas eu acho que ainda em muitos pontos, nós não somos vistas como ideal para aquele papel. A gente tem o mesmo papel, mas não é vista de forma igual, não tem uma equidade, uma igualdade.*

Aluna 3*: A gente tem a capacidade de fazer, mas a gente tem que fazer duas, três vezes a mais do que ele, do que o homem no caso, para poder ficar no mesmo nível, sendo que a gente tem a mesma capacidade, só que a gente tem que se esforçar muito mais, provar muito mais, pra se igualar ao homem na sociedade, é mais ou menos por aí que eu enxergo.*

Aluna 5*: Eu acho que as coisas evoluíram muito, antes era muito pior, claro, eu acho que com o tempo as coisas foram melhorando bastante, claro que na prática são outros quinhentos, a gente ver casos e casos, coisas absurdas que todo mundo já bateu na tecla, que já passou, que isso não é mais certo, que não tem que acontecer, mas alguns casos ainda acontecem, a gente vê as coisas acontecendo. Mas eu acho que muitas coisas que estavam muito ruins melhoraram, bom, eu enxergo isso, vendo a nossa história, o feminismo crescendo, eu acho que melhorou muito.*

Quando perguntadas sobre os desafios do gênero na adolescência atual, a Aluna 2 demonstra otimismo apontando para conquistas das mulheres no âmbito da educação e do mercado de trabalho. Também salienta que a sua geração tem se engajado mais com as questões de gênero.

Aluna 2: *Somos uma geração que está rompendo com isso, hoje em dia você vê mais mulheres por exemplo, em um curso de engenharia, coisa que seria para homens. O meu curso por exemplo, as turmas que eram antes das nossas tinham muitas poucas mulheres, e hoje em dia a minha tem mais de 10 meninas e eu acho isso um progresso bem grande, coisa que acontece também no curso de eletrotécnica e vem mudando bastante. Então sim é difícil, mas a nossa geração está começando a mudar, mexer os pauzinhos, engatinhar, é uma geração embrionária que está colocando nosso espaço, eu cheguei e posso também.*

Por outro lado, as Alunas 4, 6, 5 e 2 demonstram problemas e desafios que enfrentam, chamando atenção para o quanto a questão da sexualização feminina, já na adolescência, constitui uma dificuldade inerente à condição de mulher. Elas tecem comparações com os meninos; e compreendem que sexualização tão precoce imposta pela sociedade tira de alguma maneira sua liberdade, seja por rótulos, seja por cautela, acabam sofrendo limitações de algumas ações.

Aluna 4: *Eu acredito que essa é a idade que a gente começa a perceber que não temos um lugar de fala tão igualitário quanto aos homens, começamos a perceber alguns assédios, julgamentos por coisas que nós fazemos, ou o "Ah! É mulher!", essa é a fase que começamos a perceber coisas relacionadas a isso.*

Aluna 6: *Eu acho que nós meninas temos que crescer muito mais do que os garotos, criar uma maturidade muito maior, que a gente tem que se portar de um jeito senão a gente não é aceita, e os meninos não têm essa cobrança maior porque tipo, a gente tem que se preocupar com que vestimos, no lugar que vamos, com quem falamos, é algo que não deveria ser uma preocupação nossa na adolescência onde principalmente por exemplo o nosso corpo está desenvolvendo, e temos que ficar escutando piadinha de "nossa tá bonita, cuidado", é algo que me deixa até nervosa.*

Aluna 5: *Eu acho que essa sexualização que a gente começa a sofrer quando vai ficando mais velha, porque quando a gente é criança somos iguais, podem correr, brincar e depois que eu cresci eu senti que não podia fazer isso mais, agora que sou mulher preciso ter um comportamento e me portar diferente, porque agora os homens vão querer coisas..., eu sinto isso por experiência própria com a minha família, de quando começaram a me contar e explicar isso.*

Aluna 2: *Eu vejo que dentro da minha própria família tem um olhar maldoso com uns pensamentos super ultrapassados, porque para mim essa questão de amizade vai além de ser homem ou mulher, questão de convívio sabe, mas infelizmente as pessoas maldam muito isso.*

Acerca da temática da igualdade de gênero, no âmbito da escola, a avaliação análise das alunas demonstra que ainda persiste a tentativa de impor e limitar espaços e práticas que demarcam o lugar de meninos e meninas, conforme pode ser observado nas participações das Alunas 1 e 3, a seguir. Seja no exemplo do esporte ou mesmo no vestuário, a escola pode reproduzir limitações que impõem a meninos e meninas lugares de privilégio ou exclusão. Também chama atenção na fala da Aluna 1 a importância do professor, como mediador dessas relações, estando presente quando ocorrem situações de exclusão, manifestando-se e educado tanto meninos quanto meninas para relações mais igualitárias, justas e fraternas. É preciso compreender e promover a escola como espaço educador de maneira mais ampla para além de conteúdos, mas também de relações sociais.

Aluna 1*: Uma única situação que a gente passou foi durante uma aula de educação física, e aí estava tendo um debate, e aí, um aluno falou que nós meninas, ele não quis ofender, mas ao mesmo tempo ofendendo que, seria melhor que a gente para se prevenir e não se machucar, que a gente torcesse para*

eles e não jogasse, eu lembro que nessa aula a professora chamou tanta a atenção desse menino. Como as meninas falaram, é muito bom você ter uma mulher que faz a sua profissão dentro de sala, porque você acaba sendo inspirada, é um espelho para você, de qualquer forma, então acaba te influenciando muito nos passos que você quer seguir.

Aluna 3: *Sobre essa situação, não sei se na escola dela era assim, mas na minha era. Não podia ir de bermuda assim também, mas engraçado que na hora da educação física ou no intervalo os meninos que estavam jogando bola podiam tirar a camisa e enfim, acho que é bem contraditório né, então só porque está mostrando dois dedos acima do joelho não pode e os meninos podem tirar a camisa? Então, é uma coisa muito contraditória.*

Ao analisarem temática da igualdade de gênero no âmbito dos Cursos Técnicos, as falas das Alunas 1, 7, 2 e 6 apontam para diferenças entre eles. Enquanto a Aluna 1 demonstra total igualdade entre gêneros (Curso de Química), as Alunas 7 e 2 (Curso de Informática e Curso de Eletrotécnica, respectivamente) demonstram já terem vivido situações em que o gênero foi um fator dificultador, sobretudo pelo tratamento dos alunos, que nesses casos, constituem expressiva maioria.

Nota-se ainda nesses fragmentos, corroborado pela Aluna 6 (Curso de Administração), que o perfil atribuído ao curso como mais masculino (Informática e Eletrotécnica), feminino (Administração) ou neutro (Química), determinado segundo a maior ou menor presença de mulheres, também se torna um marcador importante. Nos cursos com maior presença masculina, as estudantes são submetidas a mais situações constrangedoras. E no curso de Administração, a pecha de "mais feminino" revela tentativa de impor inferioridade às alunas: como sendo um curso mais fácil, portanto, mais adequado às meninas. Em todo o caso, as divisões sociais e estereótipos associados a profissões mais masculinas e mais femininas ainda persistem no âmbito da escola e da educação, permitindo inferir o quanto é necessário que a escola e os cursos estejam atentos para reverter essas marcações de gênero associadas ao universo do trabalho e promover a igualdade entre meninas e meninos em todas as profissões e na preparação para o mercado.

Aluna 1: *No meu curso eu nunca senti um desrespeito, sempre fomos tratados muito igual lá dentro, tanto dentro de sala, quanto no laboratório, há sempre um tratamento o mesmo nível.*

Aluna 7: *Eu já não posso dizer o mesmo. Por exemplo na minha sala nós temos apenas quatro meninas e o resto são todos meninos, e já ocorreu uma situação em que estávamos montando uma atividade e escrevendo alguma coisa e senti que todos os meninos começaram a olhar para mim e eu não entendi muito bem, nem liguei muito. Depois de um tempo, eu perguntei à um amigo o meu o porquê daquilo, e ele me disse que era por causa da minha legging ser meio transparente. Eu perguntei a ele tipo, você não falou com ninguém para parar? E ele simplesmente disse que não, então assim na hora de conviver é fácil, mas têm horas especificas que é um desconforto, por causa de um olhar uma fala..., mas no geral a gente tenta abstrair bastante coisa.*

Aluna 2: *Em relação ao tratamento de professores na minha área, eu nunca senti assim que eu fui tratada com diferença por ser menina, mas já senti isso da fala anterior, que pela nossa sala ter bastante meninos, de uma certa forma temos que aceitar essas piadinhas dos meninos, aturar este tipo de coisa, ou até mesmo vendo os meninos dando notas, julgando a nós meninas como se fôssemos piões de tabuleiro, e eles os reis do mundo. Até agora no ensino remoto os assuntos costumam ficar bem desconfortáveis em situações que eles falam de nós.*

Aluna 6: *Além, de ter muita menina o nosso curso é taxado como "curso de garotas" só porque tem muita menina, e eu acho isso muito errado, porque tipo, é só ADM que pode ter garotas? Info e Química não podem ter garotas? Só o nosso que pode ter? E fica muito essa piadinha entre os outros cursos que eu já ouvi, que ADM é curso de garota e eu fico meio sem entender o porquê, como se a gente só pudesse fazer ADM e ele é o nosso curso, como se não tivéssemos capacidade de fazer outro. Eu não entendo porque, eu acho uma piadinha muito desnecessária.*

Reforçando o papel da escola enquanto espaço educador mais amplo, a fala da Aluna 7 ressalta a relevância das educadoras, em especial, como exemplo a ser seguido na ótica da igualdade de gênero. A sensibilidade e força de professoras que se posicionam e demarcam seu espaço para além de palavras inspiram, pelo exemplo, a busca pelo empoderamento nas estudantes. Embora professores do gênero masculino também possam estimular empoderamento nas meninas, as falas das alunas evidenciam que são menos frequentes do que o contrário. Esse aspecto negativo pode ser potencializado em cursos com massiva presença de docentes homens.

De maneira mais ampla, as Alunas 1 e 2 também apontam na direção da importância da influência feminina para além da escola. Os exemplos de mulheres que lograram êxito em suas carreiras e vidas torna-se inspirador para as meninas, as empoderando a crer que também são capazes de alcançar seu espaço, por meio de estudo e trabalho.

Aluna 7: *Eu queria dar um ponto aqui, sobre o que eu falei, é das professoras, é que realmente faz muita falta, porque, por exemplo, nas minhas matérias técnicas eu só tenho uma professora, que é de eletrônica industrial, o resto são todos professores homens, e isso é muito desconfortável às vezes, a gente fica muito desconfortável dependendo do professor, e acho que por isso faz tanta falta a gente ter as professoras dessa área, não só por ser considerada uma área masculina, mas também por conta dessas situações.*

Aluna 2: *Só quero concordar mesmo com o que a aluna 7 disse, faz falta, em informática só tenho uma professora de matéria técnica, é a única mulher, de resto eu nunca havia tido nenhuma outra professora mulher como matéria técnica e eu sei que na área eu acho que é só ela mesmo. E realmente faz falta, por exemplo eu não sei por que, se é tipo um pouco de receio ou um pouco de sentir que a gente não tem capacidade, mas é, quando eu chego para tirar alguma dúvida com algum professor na área técnica e ele é homem eu chego e tipo, ele tira minha dúvida e é aquilo ali e acabou, mas quando os meus amigos chegam para falar alguma coisa com ele, ele dá mais ideia, e ele tipo, desenvolve aquele assunto com eles.*

Aluna 1: *Eu acho isso muito importante, eu tenho na minha família a minha madrinha, ela se formou em farmácia ela conseguiu abrir o próprio trabalho, isso é muito inspirador para mim, tipo ver que o*

trabalho duro dela valeu a pena e no IFF eu vejo todas aquelas professoras que passaram por tanta coisa, tanta dificuldade, fizeram cursos e cursos para elas estarem ali, passando o conhecimento delas para mim é muito gratificante.

Aluna 2: *Eu considero sim, importante, isso na verdade pode ser uma coisa que estava faltando para pessoa conseguir fazer o que ela queria, eu não consigo lembrar a expressão que quero usar agora mas como se fosse aquele gás para a pessoa ver que aquilo é possível, o que ela quer fazer é possível, igual a Aluna 1 relatou na experiência com a madrinha dela que tem uma farmácia e que isso inspira ela e eu acho isso importante porque você se vê ali, você consegue se imaginar naquela posição, por exemplo a coisa que eu acho mais linda do mundo é quando mulheres dão palestras sobre assuntos da área delas, eu fico fascinada, eu tenho que segurar o queixo para a boca não cair, eu acho a coisa mais linda do mundo, aquela mulher estudou para aquilo ali, ela domina aquele conhecimento da área dela e ela está transmitindo o conhecimento da área dela para outras pessoas, e eu acho isso de uma nobreza que não tem tamanho, acho isso a coisa mais linda do mundo, então eu acho sim que é importante, eu acho que é um dos pilares para as nossa realizações também, a gente poder ver, a gente poder se imaginar naquele lugar, aquela mulher estudou para estar ali, ela sabe fazer aquilo ali tão bem e eu posso também, acho que é uma motivação para a gente fazer também, para a gente conseguir também, ver outras mulheres ali fazendo o que a gente quer fazer, o que a gente busca pra gente sabe, eu acho maravilhoso.*

A análise realizada nesta seção buscou extrair das impressões das estudantes sua percepção sobre o tratamento dado à igualdade de gênero e aos mecanismos de promoção do empoderamento nos Cursos Técnicos e na unidade de ensino em que se desenvolveu a presente pesquisa. Essa compreensão de natureza qualitativa complementa a análise quantitativa ao revelar de forma mais detalhada situações do cotidiano de uma unidade de ensino.

5. Considerações finais

Após a finalização dessa pesquisa, em um ano de atividades diversas na pesquisa, no ensino e na extensão com a temática de gênero sendo abordada na ótica do empreendedorismo e do empoderamento de mulheres, é possível delinear algumas conclusões e apontamentos.

Os resultados apontaram para a existência de práticas e situações de exclusão e subordinação das meninas por seu gênero no ambiente escolar, o que, apesar de não ser a maioria dos casos, pode refletir na segurança dessas meninas quanto a suas capacidades.

Depreende-se a necessidade de abordar a igualdade de gênero como temática transversal, interdisciplinar e de maneira cotidiana no ambiente da escola. É preciso que o tema seja contemplado de maneira mais clara e explícita nos documentos que orientam a vida escolar, como os projetos de curso e propostas pedagógicas.

Cumpre destacar que, por ser uma temática que envolve relações sociais, o tema não deve ser trabalhado apenas por professoras e com meninas, mas deve incluir meninos e docentes

do gênero masculino, afinal, construir relações mais justas e igualitárias entre os gêneros é responsabilidade de toda a escola.

Por fim, destaca-se a relevância da pesquisa de maneira geral, por gerar dados que permitem analisar a questão do gênero no ambiente escolar e para além dele podendo subsidiar o planejamento de ações pedagógicas pertinentes à igualdade de gênero e empoderamento feminino numa unidade de ensino, em especial, na educação de nível médio.

Bibliografia.

BOTTON, A.; STREY, M. N. Educar para o empoderamento de meninas: apostas na infância para promover a igualdade de gênero. **Inclusão Social**, v. 11, n. 2, 13 ago. 2018.

BUENO, B. L. da S.; AZEVEDO, H. H. D. de. Empoderamento feminino: trabalhando a autoestima na escola. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, *[S. l.]*, v. 5, n. 4, 2019.

CENSO DEMOGRÁFICO 2010. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: fev. 2021.

COSTA, A. C. G. da. **Protagonismo Juvenil**: adolescência, educação e participação democrática. Salvador: Fundação Odebrecht, 2000.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

INSTITUTO FEDERAL FLUMINENSE**. Plano de Desenvolvimento Institucional 2018-2022**. Acesso em: set. 2020.

INSTITUTO ETHOS. **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas**. Instituto Ethos / Banco Interamericano de Desenvolvimento, 2016.

MACHADO, Hilka Vier; ST-CYR, Louise; MIONE, Anne and ALVES, Marcia Cristina Moita. **O processo de criação de empresas por mulheres**. RAE eletrônica. [*online*]. 2003, vol.2, n.2. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1676-56482003000200007&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: nov. 2020.

SANTOS, B. R.; MORA, G. G.; DEBIQUE, F. A. (Coords.). **Empoderamento de meninas** – Como iniciativas brasileiras estão ajudando a garantir a igualdade de gênero. UNICEF – Brasília: INDICA, 2016

ROSSI, R. C. As gurias do Sul: representações das jovens gaúchas em artefatos culturais midiáticos impressos. **Olhar de professor**, v. 9, n.1, p. 119-130, 2006. Disponível em: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1456>. Acesso em: 05 de fev. de 2021.

TILIO, Rafael de. **Marcos legais internacionais e nacionais para o enfrentamento à violência contra as mulheres:** Um percurso histórico. Revista de Gestão e Políticas Públicas. RGPP 2(1):68-93, 2012.

UNICEF Brasil, Indica e *Plan International*. **Empoderamento de Meninas:** Boas Práticas Como iniciativas brasileiras estão ajudando a garantir a igualdade de gênero. Caderno de boas práticas, Brasília, dez. 2016.

XAVIER-FILHA, C. Sexualidade(s) e gênero(s) em artefatos culturais para a infância: práticas discursivas e construção de identidades. In: _____. **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.